

AUTORES LIVROS

Ano 10
21 de 1924
SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)



JERONIMO
RIBEIRO

Notícia sobre Souza Bandeira

Carmo de Souza Bandeira nasceu no Recife, em 16 de setembro de 1865, e era filho de Antônio Herculano Bandeira e de dona Ana de Souza Bandeira.

Teve um excepcional desenvolvimento espiritual, pois Antônio Herculano era um dos maiores expressões da sua época. Nas capelações de suas Evocações filhos lembrarão, mais encantado desses primeiros anos de sua vida — os sonhos que vivera e amara de Olinda, em que se via nos engenhos do interior de Pernambuco... E aí Souza Bandeira recorda as ilustres cos amigos de com as quais teve contato: monsenhor Murtinho e monsenhor Pinheiro, Lopes Neto, e Porpê, o conselheiro de Castro, Joaquim Nogueira Mariano, Sánchez Pintor, outros...

Em 1880 este é matriculado na Faculdade de Direito do Recife. Em 1884 obtem o seu bacharelado. De sua turma parte vários rapazes de iluminação e nome na intelectual brasileiro, e destes contam-se Fausto, o idealista da Cunha, Batista, José Sartório, Coelho, Lisboa e Faria.

Resposta que deu ao Monitor Literário, de João do Rio via que vai transcrição em suas páginas desse suplemento. Souza Bandeira fixava grande importância que a literatura e no desenvolvimento do seu espírito, teve essa influência que estudou na Faculdade de Direito do Recife. O sol de todas era então Olinda, e foi sob o fascínio mestre que ele viveu, pe-

lo menos nesse período. A inquietação espiritual no Recife esse período de 1880 a 1884 era grande, e os espíritos que se iniciavam fremiam na descoberta dos grandes mestres do naturalismo, dos grandes mestres do parnasianismo, em literatura, dos grandes orientadores do monismo e do evolucionismo, em filosofia.

Vindo para o Rio, Souza Bandeira dedicou-se logo a carreira de advogado.

Em 1917, fez-se professor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, indo rege a cadeira de Direito Administrativo. Mario de Alencar, que foi o seu único aluno nessa turma de estreia, lembraria, mais tarde, ao fazer o prefácio para as Evocações, o encanto dessa fase da vida dos dois: "... aquela cadeira era o único aluno. Tinhamos aula de amanhã: lente e disciplina sentavam-nos a uma mesma mesa e a pouca diferença dos anos dava-nos um ar de camaradagem em palestra. A camaradagem não excluía durante a lição o meu respeito e temor magistral do jovem professor..."

E de pouco depois que data a sua frequência na Revista Brasileira, onde teve a alegria de aproximar-se dos espíritos que mais amava — Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Mario de Alencar, Veríssimo, Tau-

nyay, também à Europa permanecendo na Itália, na França, na Alemanha e na Suíça. Interessa-se pelas velhas cidades da arte e do pensamento, e escreve belas e agudas páginas sobre as grandes figuras literárias que defronta. Desses viagens pelas velhas cidades ilustres da Europa, fez-lhe um livro, *Peregrinações*, que, ao ser publicado, trazia dedicatória a dona Luiza Mattos de Souza Bandeira, a esposa do

esritor — "gentil companheira nas viagens cujas impressões aqui se recordam, e na jornada de vida que tanto me sua-

vio."

Em algumas dessas viagens

teve ele representação oficial

do Brasil. Como, por exemplo,

no Congresso do Tráfico das

Branças, reunido em Paris, em

1910. Souza Bandeira juntava

assim às suas duas atividades

habituais — a de professor e a

de advogado — mais uma ati-

vidade — a de diplomata. Em

1912, ao se reunir no Rio de Ja-

neiro a Conferência dos Juris-

tas Americanos, foi ele designado

o secretário geral do conselho.

O esforço que dispensou ali foi

considerável e bastaria para

provar a honestidade de seus

propósitos, a sinceridade com

que sonhava o seu sonho for-

moso de melhor congregamen-

to das Américas. Infelizmente

todos os seus esforços resulta-

ram ineficazes, diante de uma

rédeia que era alta demais para

o momento em que surgiu.

Desde 1905 pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Par-

teu, ali entrou na segunda elei-

ção a voto de Martins Junior,

tendo obtido então 17 votos,

número ligeiramente acima de

Oscar Dutra Estrada. Na

primeira eleição combatendo

finalmente com Oscar Duque

Estrada, se elegeram 15 votos,

o que não representava o quo-

rum de momento. Na Academia

exerceu o cargo de primei-

ro secretário em 1912.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no cemitério de São Francisco

de Paula, em Catumbi. A

última ação na Academia Bra-

ileira de Letras coube ao sr.

Heitor Lobo.

Souza Bandeira — que exer-

cia o cargo de Procurador dos

Fatos da Fazenda Municipal —

despediu-se em 1 de agosto de 1917,

sendo vitorioso por uma crise

de uremia, no curso de uma re-

feite crônica.

Foi sepultado, no dia seguin-

te, no c

IDÉIAS E OPINIÕES DE SOUZA BANDEIRA -- João do Rio

O mestre Dr. Souza Bandeira escreve-nos esta carta longa e brilhante:

É muito difícil, seja qual for o gênero literário, indicar com exatidão os autores que mais concorrem para a formação de alguém, e ainda mais difícil é a própria pessoa responder isso de si mesma. Há sempre a equação individual, com que se deve contar, perturbando qualquer classificação proveniente de leituras, e que impede o próprio indivíduo de ser a um tempo sujeito e objeto de observação. Esta resposta para ser sincera (o que me parece a condição essencial do inquerito) não pode deixar de ser vagamente aproximada.

Para responder, pois, com a possível segurança julgo necessário remontar à época que me deu entre 1880 e 1884, onde se formou a geração a que Sylvio Romero chiamou a "Escola do Recife" e de onde saíram Clóvis Beviláqua, Martins Junior, Graça Aranha, Arthur Orlando, Virgílio Brígido, Amílcar de Abreu e tantos outros.

Com a bagagem fartaamente literária e tenuamente científica que tínhamos os que então promovíramos o estudo da direção, trazíamos das adolescências o espírito cheio do romantismo puro de Hugo, Musset e Byron canalizado para o Brasil por Alvaro de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves. Como base a retórica ranciosa do tempo, al-pur conhecimento das clássicas latinas, desconhecimento completo dos clássicos portugueses, que as seletas de então nos faziam odiar e um estudo um tanto superficial de história, à moda do tempo. Como sintese o deitado vago que se deduzia do ecletismo de Cousin, o qual então constituía a filosofia oficial. Como aspiração, uma indomita curiosidade de saber e um anelo quasi angustioso pela liberdade de pensamento e pela emancipação do espírito no terreno social, literário e filosófico. Aerossente-se a isto um republicanismo sentimental e palavroso, aprendido em Castellari e Esquiroz e eis deserto o mais intimamente possível o estudo de alma da maior parte dos rapazes do meu tempo na época a que me refiro.

Nesta época porém, começava no Brasil, especialmente em Pernambuco, a propaganda da filosofia experimental e da arte naturalista. Aviões de novidade recitavam as doutrinas revolucionárias, como a sonhada Boa-Nova e cada um tomou a orientação mais quadrante as suas aptidões pessoais. Grande parte apaziguou-se pelo positivismo, vulgarizado por Littré de um modo lúcio-sentido.

Quando a mim, apesar de toda a admiração que ainda tenho por Augusto Coimbra, nunca fui positivista. Desde o inicio me encantava pelo evolucionismo conciliador e progressista de Siebeck, para depois aderir a concepção materialista do mundo explicada por Breckel e Hartmann e completada mais tarde pela síntese crítica de Kant e Schopenhauer.

Nesta época, Tobias Barreto, o grande mestre, eletrizava a mocidade com os estôs de um palavrão fulgurante e impreciso nos que tivemos a fortuna de ouvir o profundo silêncio que se faz sentir em todos nós, muito depois de desaparecido o prestígio da sua empolgante personalidade.

Taine e Renan carregaram esta intuição — o primeiro com a aplicação dos processos experimentais à crítica histórica, filosófica e artística, e segundo com o sorriso confortante do seu rádio ceticismo e da sua fina ironia. E foram estas as leituras básicas da intuição filosófica a que venho obedecendo há uns vinte anos.

Literariamente, como todos do meu tempo, devorei a série Bougon-Macquart, tornando ao pé da letra o romance experimental e estudando as árvores genealógicas organizadas por Zola com o confronto dos livros de psicologia de Ribot, DauDET, os Goncourt, Maupassant e sobre todos o imortal Flaubert, tornam com Zola os autores que mais fundamente me calaram no espírito, me fizeram considerar o naturalismo como a aplicação à literatura do espírito novo que então havia invadido a filosofia.

Posteriormente, as idéias, e principalmente os sentimentos sugeridos pelas capitulas literárias do norte, me fizeram ler Ibsen e Tolstoy, Torgueniev e Dostoevsky, considerando assim alargado para a grande obra da regeneração social o piano relativamente estreito do romance experimental, como a princípio entendia Zola, o qual, aliás, nos seus últimos livros (Fécondité, Vérité, Travail) seguiu esta orientação.

Como cultura geral, além de Dante e Shakespeare, sempre tive por escritores favoritos, entre os alemães, Goethe, Schiller e Heine; entre os franceses, Montaigne, Rabelais e Molére. Dos contemporâneos só Anatole France me desperta as impressões que ainda guardo das leituras de Rehman.

Ultimamente, voltei as minhas vistas para os antigos, o que afinal é hoje o meio de saber alguma coisa de novo. Leio dos latinos Horácio, Virgílio, Juvêncio, Plauto e Lúcretio, e dos gregos (infelizmente através de traduções) Homero, Aristófanes, Sófocles e Eucleo.

Finalmente, para recuperar o tempo em que desenhava os clássicos e achava elegante escrever aforismado, dedico algum tempo por dia em ler os antigos Camões, Vieira, Bernardes e frei Luiz de Faria, dos modernos, Berciano, Garrett, Cravo, o Pão de Queiroz, este último, já se vê, não tanto como marco como a organização artística que o impõe em todos os que modernamente escrevem em português. São estes os autores que

mais tenho lido. Terão eles concorrido para a formação do meu espírito? Não sei...

Os meus trabalhos? Pobre de mim! Andam esparso por quanto jornal tem sido vítima da minha mania de escrever. De muitos já me esqueci, de outros hoje me envergonho e dos que poderiam ter mais interesse formei um volume que a casa Gardner (sem reclame) teve a bondade de editar.

Como tantos outros no meu caso, tenho na cabeça um ou dois romances, outros tantos livros de crítica, talvez um livro de história. Terrei algum dia tempo e lazer para escrevê-los?

Considerando o momento atual, ninguém pode dizer que atravessamos um período estacionário. A frequente produção de livros, embora em sua maioria pertencentes ao que José Veríssimo chama literatura apressada, o aparecimento de jovens e ardentes aptidões literárias, a publicação de novas revistas inada menos de três que prometem não ser efêmeras, só no Rio de Janeiro! tudo demonstra haver um certo renascimento na nossa vida intelectual. Se tal movimento será durável e profícuo, se a nossa geração não desmentirá para o futuro as atuais promessas, é o que por ora não se pode saber.

Quanto as escolas a que se refere o questionário é difícil acentuar-las.

Há tendências de espírito correspondentes às correntes que hoje dominam o mundo intelectual, baixa as diferenças provenientes da idiossincrasia de cada escritor.

Aliás, no estado presente da evolução intelectual, é isso o que se dá por toda a parte. Cedendo ao irrealável espírito da época, que se faz sentir em todos os aspetos da vida humana desde a religião até à política, a literatura e a arte têm hoje um rumo acentuadamente social. Os povos estes, insultados na túnica ebúrnea de uma arte impessoal, impassível, qual fôra a pompa de que revistam o seu estilo, ficarão, como D'Annunzio, fárao do seu tempo.

Se esta é a tendência geral, bem acentuada nos demais países cultos, ela também é verificada para o nosso meio cultural. Os nossos escritores, dos que hoje estão nos cassos de imprimir um movimento literário, todos mais ou menos se ressentem desta influência. Vindos do romantismo ideológico que lhes animou a adolescência, influenciados pelo advento da filosofia moderna (positivismo francês, agnosticismo inglês, materialismo alemão ou mesmo ceticismo renâiano) e arrastados pela irrecuperável tendência de regeneração social, eles trazem para os seus livros os resultados desta tripla influência a que o cunho individual, a forma especial de talento, a diversidade de estilo, a variedade de leituras dão como resultante a manneira especial de cada um.

Na poesia cabe falar, em primeiro lugar de Machado de Assis, o mestre superior e inepçável, Salindro o puro romântico na época em que este florescia tiranicamente, nunca se deixou extrairizar por ele; passou pelo materialismo sem os exageros que não resistiram espíritos cultos como Gonçalves Dias e José de Alencar; pagou o seu tributo ao simbolismo sem a forma enigmática das epígonos, atravessou enfim todas as escolas e todas as épocas sem perder a originalidade por assim dizer, casta, da seu espírito e chegou até nos com toda a fôrça de uma pupila individualidade lírica sem gramaticais, a qual faz dele um verdadeiro escritor clássico.

Depois os três grandes poetas da nossa geração: Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Todos três saídos do romantismo, todos três penetrados do espírito moderno, todos três angustiados pelos problemas que perturbam a sociedade atual. As diferenças que neles se notam não fazem mal que acentuar a individualidade literária de cada um, mas não oferecem base para separá-los em escolas.

Em Alberto de Oliveira, o culto extremado da forma a pureza do ritmo, "os versos marmóreos e espesso", como os descreve Sully Prudhomme. Em Bilac, o lyrismo sensual, o deslumbramento pela plástica, o apelhido anelio da beleza imortal. Em Raymundo Corrêa, o pessimismo deliciado e docendo, a preocupação moral, a piedade sistemática pelo sofrimento. Em todos três o verdadeiro espírito poético, independente das elementos escolares, superior às ridículas subdivisões dos pretenso departamentos literários, que os fará sempre compreendidos e admirados seja qual for a época em que se os leia.

Ao lado deles temos uma boa porção de estiláveis poetas e um número infinito de fazedores de versos. Em todos dominou o lírico, essencial aos poetas brasileiros oriundo da raça, belido no leite, difundido pelo quente sangue ibérico, no sentimento ardente das duas raças inferiores com que ele se caldeou e enervado pela constante sugestão do nosso meio tropical.

Eis por que a poesia brasileira foi sempre lírica porque ainda hoje tem uma forte base de lírico que se traí através de todas as várias manecas dos poetas contemporâneos, no idealismo sugestionante de Luiz Delphino, nas metáforas de Luis Murat, no equilíbrio entusiasmado pela natureza em Augusto de Lima, na desenvolta sensibilidade de Guimarães Passos, na malograda poesia científica do malogrado Martins Junior, até nas queixas de B. Lopes.

Formando um tipo à parte pela apurada proficiência do elemento clássico, pela distinção elegante no escrever, pelo conhecimento da técnica do verso, pelas felizes tentativas de modificação na me-

trificação corrente, não se pode deixar de notar Magalhães de Azevedo.

Quanto ao romance, é mais fácil acentuar as dificuldades, as não de escolas, as menos de tendências literárias e de aptidões individuais.

Machado de Assis em primeiro lugar. Como romancista ainda mais do que como poeta lhe tem a sua humildade sob a forma aparente de uma placidez vulgaridade, o apuro da sua fluente e castigada os finos conceitos de que tão recheados os seus livros, a firmeza com que em quatro traços desenha o lado moral dos personagens, suprem gêneros ante a desproporção do meio lístico em que se desenvolve a ação dos romances e a falta de que se elatua o rôdeo. A leitura dos seus livros deixa uma impressão parecida com a que desperta o encantamento sorriso da "Giocanda" de Leonardo da Vinci. Um escritor como Machado de Assis é forçosamente um escritor individual. Nem pertence a escola alguma, nem pode formar escola sua.

Outro prosador individual é Coelho Neto, este rebuscado até o ponto de se tornar paixão ares, ao servir de uma imaginação tal que abrange várias formas, desde o simbolismo literário adaptado das lendas estrangeiras, até estudo da vida rústica dos nossos servos. A preocupação essencial é o laço trágico da natureza e da sociedade, preocupação que infiltra romanesco na sua maneira impressionista de crer. A escola de Coelho Neto não sei qual é.

Aloizio Azevedo apresentou-se em campo no porto-bandeira do naturalismo e os seus primeiros romances justificaram brilhantemente o intento. Posteriormente, no "Livre" de uma só, parece inclinar para o psicologismo, sem todavia a maneira antiga. E' muito de deslhar este romancista interrompa finalmente o hiato que a se tem obrigado. Não lhe falta observação nem coríodo e basta comparar o último livre com o do inicio para ver como mudou a sua linguagem.

O romance de costumes é representado e ilustradamente, por D. Júlia Lopes de Almeida, critora fina e consciente; por Domingos de Almeida, admirável no seu local e no desenho de personagens. Emmanuel Guimaraes, cujos romances também observados, bem pensados, bem delineados, têm o defeito (fazendo corrigível, dado o talento do autor) de uma linguagem como que provavelmente incorreta.

A preocupação social tem bons representantes. Cervello de Mendonça com "Repentimento", de tipo do romance de Iles e Gracia Atayde, seu formoso "Cânone", cheio de admirável tristeza pela nossa natureza inapátria de classe, vida do interior, repassado de um alto e lindo simbolismo e prenhe dos mais momentos-blancos sobre a luta das raças no continente.

Esta feição de concorrer para os maiores que torturam a humanidade de discutir, com sem fôrma de teatro, as questões de que devem estar na sociedade, me parece que deve predominar no nosso meio literário, como afirmam os outros nos quais não militamos.

No conto gênero que tem sido entre nós cultivado em demasia, além de Machado de Assis, Coelho Neto ocupa lugar sobrente. Almeida, nos estudando com deliciosa exatidão a vida tanguense, por D. Júlia Lopes de Almeida, Emmanuel Guimaraes, cujos romances também observados, bem pensados, bem delineados, têm o defeito (fazendo corrigível, dado o talento do autor) de uma linguagem como que provavelmente incorreta.

O gênero é por demais efêmero para que lhe possam descrever tendências.

Não creio que o desenvolvimento dos romances literários dos Estados tenda a formar literatura, parte.

E' verdade que atualmente se nota nos estados dos Estados um movimento que já se nota a longínquos antecedentes. No Pará, no Ceará, em Pernambuco no Rio Grande do Sul, etc. em Goiás, fundam-se Academias, havendo no último destes Estados seitas literárias "invisíveis", e porém constitui uma tendência para formar literaturas exclusivistas, ou pelo contrário para manifestação do mimetismo literário?

No Brasil, o número dos que leem é considerável e, apesar de tudo, ainda é o Rio de Janeiro onde mais se leia. Os pequenos círculos e os maiores grupos que nas cidades trabalham juntas lutam com dificuldades de todo o tipo, diante da falta de editores até a escassez dos livros. O Rio de Janeiro é sempre o grande centro para onde converge a vida social política e cultural do país. Sem a sua consagração, dificilmente se podem formar reputações literárias. Sem a sua formação, dificilmente estás reputações poderão produzir os resultados que procuram todo homem de letras.

Não justifica nem exagera o fato. Verifica-se, tanto mais quanto ele não é novo. Há certos tempos que medeavam entre a Regência e o Império, Relando, os poetas provincianos pleitavam este mote:

Sem grande corte na Corte

Não se pode melhorar.

O corte é que nos faz bem.

A Corte é quem nos faz mal.

E agora, sob o regime da federação, as coisas

MEU PAI — Souza Bandeira

que nos me acodem as recordações da infância e a imaginação me transporta ao lúbrico recinto a velha casa da rua da Ribeira em que vivi a adolescência. Naquela época, e talvez do nascimento, se escusava suavemente a monotonia provinciana de pensamentos, meus irmãos, os habituados a maior intimidade com o pai, a qual, entretanto, desapassava os limites completo respeito, e considerámos as melhores amigas, e certamente poderíam dizer que os mesmos o tinham em sua alguma que fosse a mais exigente maneira.

Na foi um dos espíritos da sua época, de seu tempo e a velhice quase que a preocupado de celas justas. No segundo ano de 1860, tirou por concurso de matemática para o Anexo à Faculdade, Colégio das Artes, sendo depois removido para a

única a acompanhou de movimento filosófico e teosófico que então o governo oficial abraçou. O materialismo francês de d. Tracy e Leontine, a filosofia excessiva de Th. D'Ud Seward. Quando o ceticismo sedativo perdeu retórica de Constituição, propagandista da nova que foi dos primeiros a

compartilhar o entusiasmo do ceticismo por Kant, cujas obras veramente. Esta orientação equilibrava o espírito em exame com a tolerância das opiniões contrárias, quando tudo a um anhelo pelo lado estético das

mais adorável, passou a viver a se ocupar de coisas de vida. A casa era um prolongamento da escola, e a sua arte era ministrar a instrução sobretudo agradável das formas de todos professores que viveu, para conseguiram vencer o desassossego que inspiraram os pais ao espírito infantil. Aí, disse que é com ele e morre com o maior prazer todos os "lascivas" e quase toda "fúria".

Instado em 1874 da sua carreira de professor, foi nomeado director da Biblioteca Provincial, e se estabeleceu em duas salas do Convento do Carmo e por iniciativa transferida para o local onde ainda hoje fun-

ciona esse lugar até 1889, num maia a minha infância passou entre os livros. Soube mentir o amor deles, o amor a manuseá-los, e as edificações raras, os mil prazeres deliciosos que se desfrutavam.

De maneira guardou respeito à admiração pelas peças de teatro que se compravam frequentemente, e cujas páginas

eu não conseguia entender, mas que havia

de serem, um *Volávere* de *Luís de Camões*, um *Castor e Lusitano*, o poeta da fogueira, instalando nos leitores entusiasmados no mosteiro de São

de mudaram. Ela porque todos procuravam viver sua visita-lo com frequência ou estar em comunicação com os centros cariocas para conseguirem as mesquinhas vantagens que no Brasil se oferecem, casas que exercem a pouco inviolável profissão de homem de letras.

Nasas condições, como suportar que nos Estados se formem literaturas à parte?

Além disso, na essência das coisas, não existe fundamental para estabelecer diferenças radicais entre as literaturas regionais do Brasil. Salvo invenções particulares, os costumes e "folklore", as crenças, as aspirações, os desejamentos, a preguiça, são os mesmos em todo o Brasil, e servidos pela mesma língua, impressionam a mesma fármica os cérebros confluídos arguidos na lida de evolução da mesma raça.

Finalmente, a maioria dos escritores que fluiam na Capital Federal são filhos das províncias, ou depois de haverem passado nelas a adolescência ou a maturidade (precisamente as épocas em que as impressões estéticas calam mais fundo), vêm

uma *Aldeia Serrana* e outros curiosos livros que ele tanto prezava e que eu nunca li. Como me estou presente ao capitulo as suas ragas as obras raras que adquiria para a Biblioteca, as suas laboriosas pesquisas através dos catálogos e revistas, o carimbo com que fundou a coleção canhotense!

Não tento a pretensão de dizer que em tão breves anos eu compreendia a significação de tais coisas. A força, porém, de ouvir falar nela, ficara inconscientemente interessado, e gravação as muitas horas de leitura infantil pelas salas da Biblioteca que a sua atividade a encenando de bons livros, tornou-me forte nessa crença d'catalogo que faz conhecer os livros, ao menos pela lombada.

Sem grande gosto pela política, curtiu nela meu pai, militando no partido liberal, sendo deputado geral, na 12ª legislatura de 1863 a 1866. Tive assim ocasião de lidar de perto com os maiores homens de seu tempo, contudo, com os maiores amigos, mesmo entre adversários políticos. Metido e observador de tudo, tomava nota redigindo durante anos seguidos um diário circunscrito de tudo o que se passava com ele ou ao redor dele. Foi um prazer ouvir-o evocar as suas recordações e histórias da Revolução Farroupilha de 1845 e da Luta, ou da Revolução Liberal de 1866.

Tendo sido professor da Faculdade, formaram-se no Rio de Janeiro mais de quarenta anos, pode-se dizer que em sua amizade de quase todos os homens superiores que viveram de Norte exerceram influência nos destinos do Brasil.

Esperito altamente patriótico e preocupado pelas coisas do Brasil, era o que se chamarria hoje um nacionalista, e procurava sempre o respeito e o amor das coisas nacionais.

Quando em 1876 foi publicado o *Auto Biográfico* de Joaquim Manuel de Macedo, obrigou-me a fazer do livro leitura habitual. E quando acontecia tratar-se de homens e fatos de que fizesse contemporâneo, com que delícia ilustrava a história, narrando casos que tinha presenciado:

Na formação inconsciente do meu espírito, não sei o que teria ficado das lições e dos exemplos paternos. A ninguém é dado desligar-se sobre as profundezas da própria alma para verificar a parte de hereditariedade, de educação, ou do mesmo Síntio, porém, em mim mesmo as misteriosas raízes que me prendem a meu pai, quando me surpreendo a procurar "condilar" o espírito de progresso com o elemento tradicional da qual nunca me poderei afastar, e quando, ainda hoje, tenho pelos livros este amor que supunha só poderia desaparecer com a morte.

Era notável a sua preocupação da veracidade. Além da leitura, assim das clássicas a que, se praticava, sublinhando os livros este amor que supunha só poderia desaparecer com a morte.

Era notável a sua preocupação da veracidade. Além da leitura, assim das clássicas a que, se praticava, sublinhando os livros este amor que supunha só poderia desaparecer com a morte.

para aqui despender o capital intelectual que lhe entusiasmaram "O substractum" da cultura e o que veio do território natal. A vida no Rio de Janeiro não mais fez que limar as arestas e encher os olhos. As produções de todos os poetas e romancistas dos Estados, aqui aclamadas (e estes se chamam legítimos), comprovam inteiramente o meu asserto.

E pelos Estados existem atualmente numerosas aptidões literárias que aspiram pelo momento em que a seu turno possam se exercer no Rio de Janeiro com os materiais que hoje estão acumulando.

A pergunta relativa ao jornalismo exige um "distinção" e um "sub-distinção".

Enquanto se tratando jornalismo puramente industrial, destinado a servir ao público um determinado gênero de consumo sem outra preocupação além de obter maior lucro com menor despesa ou "vender mais para vender barato", acho que é um fator tão importante para a literatura

SOUZA BANDEIRA U. C.)

EVOCACÕES

OUTROS ESCRITOS

O ESTADO — O CONSELHO DE ESTADO — MARTINS JUNIOR — 14 DE JULHO — ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS MATERIALISMO FONENSE — REFORMAS — REFORMAS — DISCURSO DE PARANAMPHO.

COM UMA INTRODUÇÃO

MARIO DE ALENCAR



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CASTILHO

A. J. DE CASTILHO — EDITOR
R. S. José, 114
1920

Página de título de "Aa evocas", livro de Souza Bandeira

masses judicais, obrigava-nos a Bento em Olinda, e creio que que entre os deserrados para Lisboa, em 1821, no brigue *Intifra* por ocasião da efêmera e gloriosa revolução de Guyana contra o governador Luis do

lago, figuraram o capitão de Milícias Joaquim Domingos de Souza Bandeira e o cadete do Regimento de 1ª Linha do Regimento Martinhão de Souza Bandeira.

Quanto ao Morgado de Matheus, era apenas José Maria de Souza Botelho o diplomata de valor que, ministro de Portugal em Paris, residiu às imposições de Bonaparte; o eleito, tanto tradutor das cartas do S.º Mariano Alencastro e autor das duas espécies editoriais dos *Lusitanos*, o segundo

(Continua na pág. seguinte)

como o comércio de roupas feitas ou o negócio de carnes verdes.

Se portém se trata de fazer um jornalismo literário ou ao menos de introduzir nela uma pequena dose de literatura, é bem de ver que com efeito, ele constitui um gênero apreciável. Ao lado dos telegramas do noticiário, das taxas de câmbio, das publicações a pedido, os jornais costumam permitir que assuntos literários ocupem algumas colunas, sobre as quais os burgezes não desdenham passar um olhar distraído, quando a viagem do bonde lhes dá tempo. E-me grato lembrar que esta salutar inovação é devida a *Gazeta de Notícias*, grata aquele completo jornalista, feito de um finíssimo homem de letras, que se chamou Ferreira de Araújo.

Assim considerado, o jornalismo não pode deixar de ser um bom fator para a arte literária, pois que lhe serve de veleiro, seu falar nas preciosas vantagens do reclamo indispensável para tudo, até para as letras.

(O Momento Literário)

Correspondência de escritores

Uma carta de Souza Bandeira a João Ribeiro

*Prometheu
e o
Tempo*

Sauza Bonito

Continuação da página 61

23, Rio, 21 Agosto 1927

Além de propor a
nos, de aconselhar, de
quem lhe falam falar
é sobre uma matéria
jurídica que fala
não tem de cônsciente
querer, se não a a-

Però andando
circolavo anche a' leva
poco per poco, e
giunta in uno posto
di campagna, stanchi
di viaggiare, molti
signori, uno dei quali
era leva, e voleva di-
ficii anche le altre

member sometimes
as your father, or
mother or mother
grandmother, or
father or mother or
grandmother...

lugar, donde
se celebra para que
pueda dejar a adorar
a la hora que sea
necesario. presentar
y enseñar la hora en

Fala nova
em que carlos tem
judicado decisões re-
coradas pelo voto
Adolfo em 1945 e que
de modo impressionante
houve alterações e con-

Longwood

marido da bela e intelectuosa Adelaida de Fleury, que passou a história da cultura francesa sob o nome de Madame de Staél.

Essa hoje muito em conta entre os homens que já há mais distinção e honra, procurar forças de fidalgaria tem em imaginá-los entre remoções de cidadãos de si mesmos. A cada passo varam deuses, e os homens e titãs mais célebres que se vêm pertencendo das naus burlescas que agora usam por passatempo. Amanhã procuraram mesmo remontar a fármacia ríca cuja desventura deu um sinal hoje de suas curas.

Esta raça nos braços constitui um curioso desporto. Na sua forma heráldica os conquistadores de Indalgaia não olham

"Em-Cima" Cai uma farpa da nova Bandeira a João Ribeira

acionais nem de peias. Invocaram furiosamente contra os vassalos anestéticos que ilhes foram entoado e pousando sobre elas a estrela mágica dos tempos, armaram-se e avançaram, rodearam os reis bruxos com dinheiros ricos e burgueses no esconderijo a que se haviam refugiado, premoviada por certa fama da que se pretendia ser dezena de El Rey D. Diniz, lançaram o seguinte desgatão: "Fiz justiça com ressalva dos direitos da atual dinastia reinante e a sua saída do Império".

A preocupação ancestral do meu povo não tinha, porém, complexas heraldicas. Simples e modesto, nunca lhe passou pelo espírito a aquisição de braços de ouro que não saberia o que fazer. O seu sentimento era muito outro. Orgulhava-se de constar entre os seus avôs, homens que sofreram prisão, independência da pátria, e imaginava com prazer que lhe era

lava com prazer que me contaram das velas algumas gotas de sangue que animaria um dia mais finos intelectuais que teve Portugal. (Evocações)

Rio, 31 de agosto de 1999.
Meu caro Jean Ribeiro.

Tenho andado inutilmente a tua procura por todos os pontos em que podes ser encontrado. Nada. Ninguem me da notícias tuas. E' mais difícil achar-te do que encontrar bom senso nos nossos políticos, gramática nos nossos jornalistas, ou bom gosto nos nossos

Enfim, somente faço votos para que não seja a odiosa capa que tenhas novamente, privando os amigos da tua companhia.

Além do prazer de ver-te e conversar-te, queria também folheá-la sobre uma matéria jurídica que joga com os teus conhecimentos linguísticos. Ia vai o caso.

Fala uma lei em que certos termos judiciais devem ser

ào!

("Almanaque, Janeiro 1887")

"lavrador" pelo escritor. E é
tonto se aqui o uso de "lavrador" é
imitar as palavras do
e encher a mão de dígitas
lativas, a cada especie. Faz
de parecer nossa Tribuna
toda o ururu deve ser
pela mão do escritor.
"lavrar" é escrever
na pena. Atendendo a
gente no emprego das
palavras, que achas sobre
so? Como eu preciso de
gênica, resolver a im-
muito prato te ficarei por
pronta resposta.

www.elsevier.com/locate/jmp

Saudação a Souza Bandeira -- (Discurso na 7.ª demila Brasileira)

St. Souza Bandeira... A vossa história tão saudosa vos reverei que a sede do louvor é um sinal de divindade. Poderoso certo que o Brasil não saiu da era da ignorância e glorificou a ciência. E por isso a entrada para a nossa companhia, desejámos que se honraria da de melhor vos inspirava, palavras que cantam como hinos... E sem notar que estavam a vos compreender, fui este o vosso ultimo insinuamento humano — atraído pela vossa encantadora amizade de coerência e de consistência, a intrusão de vos negar apenas como o disípulo de uma escola, e representante de uma geração intelectual a que também pertencem Martins Junior... A Academia tem horror aos principios — seja esta a vossa primeira qualificação — principalmente aquelas que a privem da liberdade. Ela não atendeu para a vossa eleição a nenhum motivo lógico desses que lhe atribuís. Atendeu a sua própria lógica. Elegendo-vos, elegeram a cultura na sua manifestação mais ampla e mais elegante. Não houve de modo algum um caso de sucessão forçada, que seria a restrição do vosso merecimento. De modo, cada um de nós é sempre a continuação de outros. Ha um patrimônio coletivo que é a matéria geradora, o substantivo comum dos espíritos de uma e outra. No romancista e historiador Tamandaré, no professor e médico Francisco de Castro, na poeta e política Marta Júlia, havia a mesma vocação de escritor e sentimento literário e essa com ante indelével e inisterioso de qualidades que é a essência do homem representativo e que o instinto da Academia descobre e de que se apodera para o rejuvenescimento da alma da nossa vida. Por força dessas renovações inéditas escaparamos da morte pelo fio e caímos sempre em plena adolescência... E tive a virtude de nesse número, exagerado para muitos, constata em vós — e visto que vierem surpreender para a vossa alta intelectualidade... E não há regra de leitura capaz, seguramente há mais razão de morrer que de viver.

A cultura que vistes ocupar é de videntes aqui a mais habilitada no sombrio. E a cadeira universitária da morte e hoje da saudade e que se tornou inatingível nos vossos últimos antecessores e para a qual trazem como testemunha a fraterna da mocidade Lembremos-nos também que sobre ela paira a magia encantadora da leitura. E a cadeira de Octaviano, o feliz escritor que vos ignorava como eu, e cuja realidade todos amanhã suspeitam para vê-lo por entre brumas transportado para o futuro pela milagrosa ilusão da fabula. Que foi em exaltamento pouco importa. Para que a verdade na glória? Viverá a fama da transparência e da espontaneidade de se-só espírito, cultil e alado, como de um grego. O vosso lugre e deliciosamente a sombra desse fagulhado inspirador da nossa instituição, amado e venerado pela lenda cuja mestria é mais potente e mais verdadeira que a história. Assentai-vos de manso nesse nicho de um deus. Não lhe perturbais e segredos, deixai que fique intangível e plônio e nume antigo, sem inserções que o rivelem, sem o livre que o documente e talvez o desmoleste... e ai restante do estilo e sua graca, sob a ria sua guarda da vossa veleidade.

Não acredito, e o lamento, que a lenda seja a vossa história. A transfiguração do vosso espírito, o toque iniciador de vossa

verdadeira conciencia, deve o seu momento de precisão cronometrada e foi por um admirável favor do destino em uma das grandes crises do pensamento brasileiro. Até esse instante nós ocupávamos um terreno de difícil acesso, mesmo à preceção das idéias universais. Eramos o que se chama ameaça atrasada, e que se movia em uma utilidade secular. Longe de nos havia a outra civilização, cuja força avassaladora tende para a unidade, para a razão, buscando envolver o mundo neste sistema de maravilhosa eletricidade intelectual, em que tudo vibra nos mesmos profundos deveses e nas mesmas divinas alinhamentos. Para este esforço de querer a separação do espírito brasileiro, tornando-se o revelador da atualidade europeia, o transmissor entre os dois polos da cultura, um homem, como sempre acontece nos milagres da história, foi predestinado.

Em 1882 Tobias Barreto, que os seus condiscípulos não compreenderam e de cuja imensa reputação ainda se esguintam e sorriem, abalava como um ciclone a sonorína Academia do Recife. Ele invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na abertura e constante tridimensionalidade a essa temperamento em cuja formidável composição entraram coisas gigantescas de cultura, de luxo e de todas aquelas coisas de vida que o sol transmite regularmente ao sangue mistico... Tinha a exuberância a salvo, a negociação que o faria entrar no todo o círculo mesmo e da sua reputação de plenamente e proungoso com de fantasias, o "fabuloso" dos traidores, e mais a impudicância e a temível expressão da revolta que parimamente é como o trânsito vivo do seu caráter. Não houve razão que o analisasse, não conheceu senão os mimos inabutáveis da liberdade e da extrema irresponsabilidade. Pouco, como um ser-taio, viver com o povo, foi desmoldado, misturado e meltezado Grecos e poetas. E passou tarde quando lhe chegou a cultura, ela vira na barca fantástica da poesia. E foi pelo amparo dessa volátil essência que a sua temperamento que Tobias Barreto possuia de arte para a filosofia. O pensador nôo é uma modelação do vate. Transportaria para a metafísica, para as ciências biológicas para o direito, a magia da admiração, o improviso milagroso, a necessidade de idealizar e de imaginar, que é a poesia. Quisida a sua ciência, quando não vem da legislação ou da língua, é feita principalmente de linhagem e os suas vastos certos e certos, os claros que abre a vida que dâ as idéias apenas impovestas no plenário da sua visão, é mais a criação de poesia que a lógica do santo. E isto foi um homem do seu tempo e da nossa raça. E preceção que o sangue corra longamente, durante séculos, numa infinda descendência, para que o precipitado das forças originais do nosso espírito seja a idealização científica. O maxímo, a que por enquanto podemos atingir, foi o que nos deu Tobias Barreto, a filosofia nôo é das cores solares da poesia.

Não é um sinal de incapacidade, é uma segurança de que estamos no princípio, pois na realidade a inspiração dominante da nossa vida sera sempre a preocupação intelectual a este sentido o Brasil será gloriosamente uma nação de metafísica. Peias nossas origens pela multiplicidade das nossas raças, pela variedade de deuses que povoram as almas geradoras deste país, pela imensidão de todo o trópico há um Brasil incompleto. A cultura no mundo está na abstração exclusiva e absoluta; sonhar sem ver jamais a realidade, sonhar evitando a fantasia e galorando pelo infinito; criar num esplendor estético novos mundos e novas formas, no deslumbramento da cor e do som... ou mesmo sonhar num voo de bondade, ou no êxtase da religião. Mas quando o poder do voo não é tão assombroso que é o arrebatamento perpétuo e por entre as franzas da fantasia aparece o recôncilio inédito, nesse instante o sonhador desfaz, desfaz a sua aliança; as sombras desceem e o humorista se ergue como um ladrão da noite, espalhando misterios e venenos... A província por algum tempo a burocracia sempre, foram os excitantes da vossa riso. O exame imediato da produção literária abriu novas e inextinguíveis mananças à vossa crítica jovial. Creio que é vossa a descoberta de que a literatura é, neste país, uma ciéncia grotesca de muitos espíritos; uma espécie de danas cerebrais de que são apoderados os simples contactos da pena que alucina, destrói o equilíbrio e faz irromper o disparate... Estes escritores ou oradores — a observação deve ser vossa — invadem os jornais, dominam os parlamentos e os institutos e são o sintoma da nossa retórica coletiva. E a literatura dos possessos... como um outro grande humorista definiu. Mas essa posse não está em quais todos nos? Onde linha a simetria, o gosto, se não em raios, muito raios? E quantos desses possessos não atingiram ao gênio pelo próprio e descomunal exagero dessa qualidade dessa alucinação racial? Oh! Ilavera eternamente de que zombar. Mas valerá a pena?

Talvez algum dia próximo a vossa alma secreta vos pedira tréguas a tanto riso e buscares repouso na contemplação estética. Sera o momento de vossa segunda emigração à Europa. A primeira vez que peregrinaste por aquelas terras santas da arte e da história, creio que era ainda a curiosidade indiciosa que vos conduzia... O artista não se ilha revelado em vossa espirito destruído, a sua vida brasileira é a que malha vastidão de infinito pôde descorinar, é a fascinação que exerce sobre os jovens espíritos, como o vosso que não seria quem quis se não tivesse recebido do seu gênio a contulha criadora... Não conheço maior elogio aquele que foi o vossa inspirador, e não o vosso mestre, dando-vos a liberdade do inspirado, e não a servidão do discípulo. Porque Tobias Barreto combateu, destruiu, arquitetou idéias por conta própria, sem querer fundar escolas nem reconhecer adeptos. Faria mim em o vio só — a unidade completa e desejada do pensamento e da ação. E toda a sua grandeza sobressai no isolamento em que se manteve, e em que se devemos conservar. Se deles se procurasse originar uma escola, ela não poderia deixar de lhe ser inferior. O sol não cria outro sol.

E a lógica singular desse homem estava na genialidade poética por onde lhe veio a iniciação científica e filosófica, seria certamente essa genialidade essa imaginação que facilitaria aos seus discípulos, porque ela era uma expressão puramente individual e que se não repetia... Extrairiam dos livros e das frases de mestre apenas as formulações audácia, colossândram a satira com a seriedade do pensamento, tomariam os vossos delíneamentos por conclusões definitivas e espalhariam uma língua barbara e dogmática doutrinas, para as quais não teriam nem a ciência, nem a adinivhação profética.

Em vossa espirito, porém, a inspiração se fez de outro modo. Tudo o que recolhestes, transfundistes ao vosso sangue, iludes e fórmulas a que destes e cunho próprio.

E foi principalmente desse riso colossal de Tobias Barreto que, por uma lúmara transformação, provou a qualidade brillante do vosso espirito, e de arte. A aproximação da humorismo... No fundo da aspecto confuso aos objetos,

que exalta a ideia territorial que exalta a imaginação e engrandece a espirito, os, como os povos da Índia, sentem uma atração imperiosa que nos arrebataria para o sonho, para o voo milagre, onde achamos o conato da tremenda realidade. Sera o momento da religião... A cultura exerce apenas mirada rápida a complexa expansão do espírito religioso e o sublimo pela metafísica de matemática, a principal manifestação das tendências abstratas do vosso gênio. Nos desenvolvemos admiravelmente e facilmente a calcular como a mais importante dinâmica do cérebro e nos atraem nela como se fosse a poesia da ciência. Não há país onde o cálculo tenha mais devotos, sectários, templos e mesmo poetas, e como todas as religiões, essa também teria as suas incompatibilidades e desdém. Eu creio que a Academia, onde a geometria não impera, onde ninguém cuida de reduzir a um frio teorema nem a filosofia, nem a arte, deve ser a zombaria desse espírito matemático, o mais zombeteiro dos espíritos... A Academia vinga-se opondo serenamente a essa metafísica de Euclides a metafísica do estile... de Machado de Assis.

Tobias Barreto não teria tido aquele imenso e decisivo triunfo se não correspondesse a exigência íntima da nossa formação nativa, se não introduzisse uma abstração metafísica, que ainda era uma novidade. Trouxe-nos o nominalismo... E, Ilavera contra filosofia, a obra de demolição começou pelo contacto do direito para depois se espalhar por todos os recantos da cultura. Mas o resultado principal do aparecimento desse pensador na vida brasileira é que malha vastidão de infinito pôde descorinar, é a fascinação que exerce sobre os jovens espíritos, como o vosso que não seria quem quis se não tivesse recebido do seu gênio a contulha criadora... Não conheço maior elogio aquele que foi o vossa inspirador, e não o vosso mestre, dando-vos a liberdade do inspirado, e não a servidão do discípulo. Porque Tobias Barreto combateu, destruiu, arquitetou idéias por conta própria, sem querer fundar escolas nem reconhecer adeptos. Faria mim em o vio só — a unidade completa e desejada do pensamento e da ação. E toda a sua grandeza sobressai no isolamento em que se manteve, e em que se devemos conservar. Se deles se procurasse originar uma escola, ela não poderia deixar de lhe ser inferior. O sol não cria outro sol.

E a lógica singular desse homem estava na genialidade poética por onde lhe veio a iniciação científica e filosófica, seria certamente essa genialidade essa imaginação que facilitaria aos seus discípulos, porque ela era uma expressão puramente individual e que se não repetia... Extrairiam dos livros e das frases de mestre apenas as formulações audácia, colossândram a satira com a seriedade do pensamento, tomariam os vossos delíneamentos por conclusões definitivas e espalhariam uma língua barbara e dogmática doutrinas, para as quais não teriam nem a ciência, nem a adinivhação profética.

Em vossa espirito, porém, a inspiração se fez de outro modo. Tudo o que recolhestes, transfundistes ao vosso sangue, iludes e fórmulas a que destes e cunho próprio.

E foi principalmente desse riso colossal de Tobias Barreto que, por uma lúmara transformação, provou a qualidade brillante do vosso espirito, e de arte. A aproximação da humorismo... No fundo da aspecto confuso aos objetos,

tudo se apresenta como tensa inquietude, tensa e sem representação, tensa artista e escritor, tensa de perspectiva, tensa no país não nascido. E nessa indispesável tensão da distância, tensão de lutas e perplexidades, a que muitos de nos sacrificam pelas exigências da vida e sagradas em profundo.

Longe de mim o pensamento de vos levar ao cultivo, naturalmente, sem pensar a hora em que se abriga a eterna consolação. Fica o mais tempo possível, nos e continuai a giao-nos-nossas-pequeneces... Deixa-nos-nos seremos menos tristes, a espírito aberto expõe-nos a giao-tartarismo aboroso, é a felicidade da vossa extro cultura... Advinhamos a luxuosaidade da crônica, a descobrir as mil faces das coisas, que divaga, deixa jeitos, subtil e ágil, como passaro no ar e sabemos todos encantado que vem da aguado faro em sentir o interesse que exala instantaneamente multidões e essa tensão perfeita em ser o primeiro a desfazer o assunto... Quantos assim pode esse curioso tocar em cada dia!... O vosso saborado de cronista é delicioso, mas será o outro, e nos daos testemunho de que o exercitado discretamente, sabiamente, se esfreguidão, com a prudência de um sobrio e casto estile professor.

Seguramente nessas crônicas como nos ensaios e lições, no vosso trabalho intelectual exprime uma aspiração de simpatia filosófica, que além de traço de raça é imposta sangue com um pendor de milha... A filosofia foi a que sorriu ao vosso nascimento... Tendeu necessidade inprescindível de inquirir das coisas secretas das coisas; o desejo ardente de explicar e de explicável e subordinar tudo um só conceito, um só princípio, uma só verdade... Não temos qual seja esta verdade absoluta... Estamos, porém, certos de que a possui, as vossas últimas palavras cheias de entusiasmo nos apontam com o próximo reizado da verdade. A Academia é o filhos que duvida de qual é verdade. E ainda que haja de ser experiente e encantado. Não tem escrúpulos em se voltar por instantes as mentes que por mais inocentes sejam, são sempre antigas, perigosas, maldosas. E no processo de criação do pensamento e da forma, a Acentiva, aquela singular e privilegiada função maternal, que é o seu remolhamento da vida, e que funde a sabedoria... Fazia a verdade atraír todos, nascendo da sua propriedade, o desenrolar das nossas ilusões, a vergonha das nossas ideias absolutas de cada um formando o relativo de todos... A verdade não exerceu bocas que se contradizem.

No fundo talas opiniões intransigentes não temem essa infalibilidade traída por vossas palavras, a peregrinação que fizesteis pelas variadas sistemas filosóficos, vedei sem dúvida o desenrolar crítico e o scepticismo amplo e benfazejo. Não há muita tempestade o balanço do vosso espírito e vos arregimentares no critismo... Não sei ate que Kant nos tornaria como um discípulo de que pode imparcialmente do tempoamento moralizar os malditos filósofos, que é a filosofia para o homem e para o idealismo transcendental. Mas quando vos inspirou, aconselhava temer

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

LUIZ EDMUNDO

Luiz Edmundo da Costa, é filho de Edmundo Pereira da Costa, nascido no Rio de Janeiro. Costa e D. Maria Joana de Melo Costa, em 26 de junho de 1878, e Melo Costa, aos vinte anos,



Luiz Edmundo, num desenho de Marques Junior.

PARA ONDE?

Na garupa febril desse animal possante,
Que me lembra um centauro enraivecido e bruta
Veja o mundo passar veloz e palpitante,
E a voz humana e a voz da natureza escuto.

Perguntam-me: Aonde vais, ó cavaleiro andante?
Que ardor te leva assim tão forte e resoluto?...
Buscas arco a flor de um senho extravagante?
Que vai contigo? O Bem? o Mal? o Riso? o Luto?

E eu deixo este animal de tragicos furores,
Que é o Desejo e que tem as asas dos condores,
Na corrida veloz que me arremete do mundo.

Pouco importa saber onde me atira a sorte,
Corra, embora, febril, para as portas da morte,
Para o profundo céu, para o inferno profundo!

OLHOS TRISTES

Olhos tristes que são como dois sóis num poente,
Causados de luto, cansados de girar;
Olhos de quem andou na vida, alegremente,
Para depois sofrer, para depois chorar.

Andam neles agora a vagar, lentamente,
Como as velas das nãos sobre as águas do mar.
Todas as ilusões do vosso sonho ardente.
Olhos tristes, vós sois dois monges a rezar

Ouve, ao ver-vos, assim, tão cheios de humildade
Marinheiros cantando a canção da saudade
Num coro de tristeza e de infinitos aís...

Olhos tristes, eu sei vossa história sombria
E sei quanto chorais cheios de nostalgia
O sonho que passou e que não torna mais!

OLHOS ALEGRES

Há uma lágrima, sempre, atenta em nossos olhos
Uma lágrima branca, uma lágrima pura.
E assim como no mar os traqueiros escólios
Ela, escondida, a flor das pálpebras procura

Ai fica parada; os íntimos refolhos
Da nossa alma reflete, e, quando uma ventura
Em riso nos entreabre os lábios, com doçura,
Ela, a lherima, fica, nos tremor nos olhos.
Tu, que és moça e que ria e não sabes da mágoa
Do mundo, tem cuidado, olha essa gota dágua,
Se não queres da vida sechar-te entre os olhos;

Ali, mil e devagar, que a lágrima traçou
Tolveste vendete ric assim dessa maneria.
Tremo e cosa afinal um dia dos teus olhos!

família e dirigiu a "Revista Contemporânea", curiosíssima publicação em cujas páginas se congregavam os rapazes de talento, que, vindos do Parnasianismo e do Simbolismo, procuravam uma nova corrente de inspiração para a poesia e prosa brasileira. Em 1899 e 1900 trabalhou na "Imprensa", de Alencar Guanabara, passando em seguida para o "Correio da Manhã" que Edmundo Bittencourt acabava de fundar. Publiqueu então o seu livro de estória, "Nimbus" (1899). E desde então se manteve na vida literária e jornalística. Fez várias viagens à Europa, e dedicou-se de alguns anos para cá, à reconstituição da vida e do passado carioca.

Luiz Edmundo acaba de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Fernando Magalhães, cadeira número 33. Tem all como patrono Raul Pompeia. O fundador da cadeira é Domicio da Gama.

BIBLIOGRAFIA DE LUIZ EDMUNDO

— Versos: — "Nimbus" — 1899. "Turibulos" — 1900. "Turris Eburnea" — 1902. "Poesias" (primeira edição) — 1907. "Poesias" (segunda edição) — 1908. "Rosa dos Ventos" — 1919. "Poesias" (terceira edição) — 1924. "Poesias" (quarta edição) — 1944. "De algumas fábulas de Trílissa (tradução) — 1927.

— Prosa: — "A Marquesa de Santos" (peça para teatro, premiada pela Academia Brasileira de Letras) — 1924. — "Independência" (peça para teatro) — 1925. "L'apel à raison" (peça para teatro, em francês, representada pela Companhia Grettat, no Teatro Municipal) — 1926. "O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis" — 3 volumes — Imprensa Nacional — Rio 1938. Esta traduzida para o inglês e para o alemão. "A Corte de D. João VI no Rio de Janeiro" — 3 volumes — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1940.

"A Manhã" — Nomes do dia bultão à História do Brasil — 24 de fevereiro de 1944; 19 mo" (artigo sobre "Rosa dos Ventos").

"Correio da Manhã" — 12 de Janeiro de 1944.

"Vanas Ler" — 22 de junho de 1939 (reportagem de Lourival Coutinho).

"Dom Casnurro" — 23 de novembro de 1940 (entrevista de Clóvis Guanabara).

Sacramento Blake — "Dicionário Bibliográfico", volume 5º.

José Verasmo — "História da Literatura Brasileira", 6º vol.

"Estudos de Literatura Brasileira", 6º volume.

Muc. Leão — "O Rio de Janeiro do meu tempo" — "Jornal do Brasil" — 24 de setembro de 1938.

Henrique Perdigão — "Dicionário Universal de Literatura".

Tristão de Almeida — "Contribuições para a História da Literatura Brasileira", 1938.

Azevedo Amaral, H. Pinto, Paulo Filho, João Lobo, Carlos Maul, Leonor de Oliveira, Bastos Tigris, Antônio Grela, Heitor Lima, Alvaro Oliveira, Vítorino Correia, Benício Peixoto, Frei Pedro, Crysanthème, João Ribeiro, Cunha, Leão Viana, Cunha, Fabio Lúcio, Benjamin Costallat, Raul Pimenta, Corinto da Fonseca, Abacaxi, Faria Rosa, Álvaro Bamilcar, Noronha Santos, Antônio de Lemos, Júlio Dantas, Mário Muniz, Sílvio Patriarca, Antônio Paes, Antônio Guedes, Raul de Azevedo, Pedro da Cunha, Aluísio de Castro, Júlio Góes, Elio Pontes, Walmir Giese, etc.

O BEIJO E O VINHO

Tu te lembras, estouvada,
Quando, sem modos, sem pejo,
Enchendo a boca de vinho,
Passaste-o, devagarinho.
A minha boca, num beijo?
Achel a idéia engracada
E original o manejo...
A tua boca encarnada,
A beijar-me de mansinho,
Sorris pelo meu beijo.
Toda manchada de vinho,
Desde esse dia não vejo.

Para minha alma embriagada,
Outra boca em meu caminho,
A causa, enfrente, estouvada,
Desse embriaguez de desejo,
Mais doce que o teu carinho
Não pude ter declíu...
Não sei si foi o teu beijo...
Não sei si foi o teu vinho...

VENEZA

Veneza. Nos canais que a luz do luar prateia,
Vão as góndolas como os cíes, a bolar.
E a voz da serenata é um canto de seres
A subir, a subir, da quietude do mar.

Na gôndola de prata a rainha passeia,
Toda de branco como uma camélia ao luar.
E, enquanto esplende a luz calma da lua cheia,
Fica a gente a sorrir, fica a gente a sonhar!

Eras bem a Veneza que eu imaginava,
Como uma virgem loira, a cabeleira flava,
Irmã casta da lua, alva noiva do mar...

E tu cantas enquanto a voz da serenata
Sobe e a rainha vai, na gôndola de prata,
Toda de branco como uma camélia ao luar.

Veneza — 1905.

LONDRES

Londres, ao por do sol, é um lamento.
Nossa lira fria, amarela e baixa.
Que vem de um céu tristonho, um céu cinzento.
Todo feito de nuvens e fumaça.

Do céu, a olhar-te, eu sinto o pensamento
Que se me foge e vai o oceano passa;
Céus claros do Brasil, o firmamento,
O' nostalgia que a alma me traspasa!

Como tudo de subito entrinaste
A essa hora escura, quando o rio desce
E a alma da noite sobre as colinas erra...

Se há um Deus que o mundo fez e no mundo...
Por que fez Ele um céu assim tão triste?
Que saudades do céu da minha terra!

Londres — 1905.

O MOINHO

O' moinho solitário! O' moinho triste! O' moinho que eu evoco assim, a beira do canal,
Por este céu que tem laivos de onzo e de vinho.
A Holanda que sonhei, num quadro de Ruisdael.

O teu vulto de atleta, o teu vulto disforme,
E' bem no espelho azul das águas de cristal,
A imagem do teu corpo e da tua alma que dão...
O' moinho, não terás uma vida animal?

E' um homem que sofre, é um homem que...
Por esta grande tarda anil de primavera
Que te arranquem do peito a serpente do mal...

Eu me revejo em ti, moinho quedo e silente,
Como tu te revés, olhando, tristemente,
A água que corre azul no leito do canal...

O RENO

O' Reno amigo! O' Reno das baladas.
Que outra Goethe e Uhland cantavam,
E onde, por noites altas e estreladas,
Os castelos feudais se debrucavam!

Das tuas águas que rolam, das tuas águas,
Ainda ouço um verso de Heine, o amargo verso
Em que ele canta as suas velhas mágoas
E que ainda trazem no seu seio imenso!

Tu, que de poetas louros foste, outrora,
O canta mais fontoso e mais amado,
Rio do sonho azul, que és tu agora?

— Água brotada ao pé de uma montanha,
Que flui no mar, depois de ter banhado
O concreto Império da Alemanha!

CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXVI - Luiz Edmundo

CORAÇÃO TRISTE

— que infante é que tens o coração partido,
que ainda choras o amor que te foi de repente,
que é de coração, quando ele está ferido,
que é a tua do olhar, só pela mão tremente.

— Tu só descobres quando se sofre. A gente
que se esconde naína o rumor de um gemido,
que não vê, não supõe que, num gesto sonhante,
um simples gesto trai-se o coração punido,

que vale negar o que sofrese. O riso
que hoje trazes no lábio amargo e indôcil,
que é uma explicar o mal que te golpeou.

que é a tua dor que ninguém mais entende...
o teu coração é uma cimela branca
que alguém beijou de leve e sem querer — machucou...

O RIO

que te lembra bem a minha alva de porta,
a correr a correr entre mavernas floridas;
é minha alma boêmia ora calma, ora inquieta...
que conseguem ser iguais as nossas vidas?

que me sei aonde vou. Por grotas e desfiladeiras,
todas, a seguir, sem destino e sem meta.
nas ondas de luar, ou por manhas brumadas,
que contas como eu, a tua dor secreta...

nos remansos de lago, — eu, dia de sossego,
nas ramas, em flor, em teu dorso tranquilo,
no abrigo de minha alma, as ilusões eterego.

Venho a rocha abrupta em teu impeto forte,
e passo pela dor, se a não domo ou amaldiço...
e segues para o mar. Eu digo para a morte,

VIVA LA GRACIA!

Culto Alcalá. — Manolita
Que vais a Puerto del Sol,
Consuelo, Corrida ou Pequeta,
Re de Madrid, senorita,
De Segovia ou de Portugal?

Tens dos versos de Zorilla
A essência meridional,
Com o teu matador de Manuela
Lauda, a noite de Sevilia
Perfumes de naranjal.

Dias de toros, fanfarras,
O estouamento febril
Das seguidillas bêbarras
Com Xerez e com guitarras
E requiebros de quadril.

De onde vens, flor resplendente,
Nossa alegria louçã
Que perturba toda gente?
De um livro de Benavente?
De um quadro de Zurbaran?

E Manolita, apressada,
Indiferente e veloz,
Nem vê minha alma abusada
Que a segue pela encosta...
— Viva la gracia! Por duas!

AQUELA LAGRIMA

se me dia eu não puder viver esta amargura
Que certo é pluviu vi, porque a economia do mundo;
Se me dia eu não puder esconder a máquin escura
De meu sombrio amor, do meu amor profundo;

E meu céu escondeu, amedrontado, a desventura
Desse enredo infeliz como não há segundo;
E me ouvires falar a fraca mal segura
Na boca o olhar alto, e pensativa, e fundo,

Desconso em multidão da minha multitudem!
Estou certo que tu, num gesto de piedade,
Protegendo, afinal, os instantes retólos

De minha alma que todo em prantos se desata,
Desviasas esconder a luctuosa de malo
Que por outro em já vi iluminado nos teus olhos...

Luiz Edmundo

A rosa da tua boca,
Que é uma flor linda e viva
Deixa beijo... Mas que amaro...
Que ideia insensata e louca
Fazem sem razão maravilha...

Vem cá e senta, formosa...
Eu posso beijar a rosa...
Sem falar mal a rosinha...

Luiz Edmundo

Paráfrase de autógrafo de Luiz Edmundo

AMOR

Este é um carro triunfal, plástico de rodas de ouro;
Arrasta-o sobre o mundo, em alta desordem.
Um estranho animal que lembra na corrida
A bravura de um leão e os impetos de um touro.

Nada lhe embarga o passo. O abismo, o sorvedouro
Calca, doma, subluga e leva de vencida;
E os homens em tropel cheios de ardor e vida
Vão árias delas como árias de algum tesouro.

Triunfalmente cliva o olhar ferre, os cabelos
Brilhando como a luz de asteteiros.
No plástico, uma mulher passa o mundo flanando;
Na mão esquerda, como um símbolo perfeito,
Leva um lirio que tem o calice direito,
Na outra, fera e brutal, leva um punhal sangrando...

NEUROSE

Meu sangue escanda e queima e é um rio que deriva
De uma fonte maldita onde só cardos nascem;
Susto o corpo a arder como uma chama viva.
Que a meu deuso e os meus cabelos incendiasssem.

Minha aversão ao mundo é ferro instintiva,
Cúcio o branco e ódio, os carneiros que passam
Dentro do coração sinto que a alma entra
Chora como uma beca a quem amarrassem.

Um grito singular, de uma expressão sombria,
Acompanhando o passo, e eu me curvo e submeto.
Sempre a este anjo do mal, de voz nervosa e fria.

E' o Tédio: si a sua moeza, um frio a alma me invade,
Passa-me toda a estreite e gelo-me o espírito.
Gelando-me o vigor, gelando-me a vontade.

SEMPER

De te amar só me nascem dissabores.
E eu apesar de tudo ainda te amo.
Com aquele mesmo ardor e mesmo entusiasmo
Que já viram teus olhos tentadores.

Por que Deus fez o mundo assim tão cheio
De desgracados e de sonhadores?
E dizer que bendigo as próprias dores
E o fel que por ti traz no meu seio!

Partiu um dia e o coração magoado
Senti como quem morre ou não resiste
A um golpe duro por alguém vibrado...

Viste e eu sofro e não sei por que contraste
En, que tanto chorei quando partiste.
Choro ainda mais rubendo que voltaste!

AB IRATO

Senhor! Eu creio em vós, parem não creio.
Na vossa mão de graca e de bondade;
Que o mundo se de malas é tão cheio
E' que olhais para ele sem piedade.

Embora para a vossa divindade
Levante o meu olhar com febre e ansie;
Vós, por dura vingança ou por maldade,
Negaíais-me o vosso amor, como a um velho.

Se tinhais de fechar os nossos olhos
E deixar-nos tacando entre os olhos
Da vida como raios e tristes;

Por que vistes à Terra Prometida
Prometer-nos o sonho azul da vida?
Dizel-me: Por que foi que nos mentiste?

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXVI - Luiz Eduardo

ERA EM SETEMBRO VERSOS A CLAUDIO

Era em Setembro, lembrasse? A noiteinha,
Sempre que ausado por te ver chegava,
Tremo, como tímida andorinha
Se as tuas mãos nas minhas aperitava.

E o amor que aos olhos meus, tímido, cantava,
Também nos lábios tuas rubidas vinha:
Faltavam-me quanto em tua falava.
Mais que falar em nosso amor eu tinha.

Era em Setembro lembrasse? Eu partia...
Inda em tuas olhos a minha alma presa,
O meu rosto de pranto se cobria.

Que dor não conhecida e aí pleadei!
Era tuas olhos cheios de tristeza,
Eram meus olhos cheios de saudade!

NOVA AFRODITE

Quem fôr? Ninguém sabe, é um mistério profundo,
Que a ti mostra, talvez, nem fosse revelado;
Certo, um Deus de poder estranho e limitado
Quis os homens vencer e te baixou no mundo

E esse novo Satan marcou perverso ou juizando,
Fazendo-te o espírito da carne e do pecado.
Deixa morrer de amor o mundo desejado
A perfume suíl da tua seio infuso.

Mulher! Guardas no olhar o destino da vida,
Onde a alma ardente vai, embriagada e vencida,
Vendo a morte fatal e querendo existir.

No teu seio onde cai o mundo exausto e langue
E o veneno do amor corre como o teu sangue
Dorme-se sem querer, morre-se sem sentir...

Olha este pueril azul que vem na serça
É um filo de céstia que vai rascavando
O seio bonito e ubertoso da terra.
O rascuno das favellas fecundando.

Veo claro, protado entre açucenas
Junto a um rochedo negro e lúdico,
Num val no mar, que o pobre rio apenas
É o simples tributário de outro rio.

No estando, olhe-se o campo em que ele desce,
A paisagem que o beira e que o enolda,
O arco-íris copado, o trigo em meste,
Das compinas a resplendida faurta.

Tudo é fecundação, vida. A semente
Cai sobre a terra e brota. E caminhando
La vai ele descondo, lentamente,
A riqueza das homens espalhando.

Val: adante, na curva de um caminho,
Num movimento de figura em cachão,
Ele é que faz mover a velha molhada.
O trigo moendo e preparando o pão.

2. quando noite, pelo céu sombrio,
Desce por sobre o campo e sobre a vila,
O homem na paz dos seus bendiz o rio
Que a existência lhe torna mais tranquila.

Deus, ao fazer a natureza, um dia
Pôs nela toda a luz do seu encanto.
Por isso este regato cristalino
Vale um compêndio de filosofia.

Basea nela, meu filo, o teu retrato
Se útil, simples, bom p'ra ser humor.

Muita vez a humildade de um regato
Vale belas as glórias de um oceano.

EXTASE

Hoje que és minha e que em meus braços vejo
Teu corpo, leve, rosê e perfumado.
Que a tua vida é ardente do meu belo
Inda torna mais leve e mais rosado;

Hoje que afogo ansioso o meu desejo
De vida, de ventura e de pecado
Na tua vozes, a rir, e de sobrto
Sinto a alegria ideal de ser amado;

Hoje que sinto a febre que te aquece
O coração e vem rosar-te as faces
No arco que as almas novas e tempestosas.

Penso, o assassinado e tremula indormida
Como eu penaria se me não amasse,
Como eu morreria se não fosse minhas.

MEU NATAL EM BERLIM

Céu da Alemanha, pálido e vasto,
Tão diverso do céu do meu país!
Avares mortas pelo grande trigo,
Cada tronco perdeu uma rama...

Do meu quarto de enfermo, vejo o do
Pardo, por entre a neve e o céu.
Sobrinhos de Fe. Sombra, onde estás? Pedro,
E dizer que fui forte e fui feliz!

Hoje o céu é ódio vazio, Olhou-me, olhou-me,
E riu de bondade, consolou-me.
— Ha de ser outo quando o céu vir.

Dedes de gato apertam-me a garganta...
Ora afinal, a Noite não me espanta,
Quem a prior, muitas vezes, e viver.

II

Religião, amigo e companheiro
Das minhas noites vagas;
Das minhas magias de hoje es o escudeiro
Como o feste das minhas alegrias.

Religião, que és meu médico e enfermeira
Nestas noites vagas
Ou chelas só de morbidas lobinas.
Não querias tu servirme de covarde...

Tu coração não cansa
Na tua regular obrigação.
O teu ponteiro, como a vida, avança.

Lembras meu coração,
Cada segundo tua é uma esperança,
Cada minuto, uma desillusão.

SAUDAÇÃO A SOUZA BANDEIRA

(Discurso na Academia Brasileira)

PEREGRINAÇÕES - Triste da Cunha

(Continuação da pág. 268)
seu temperamento de sonhador político? A política de Martins Junior era um entusiasmo poético, como a sua poesia foi um sonho político... Em ambos os aspectos ele não se definiu precisamente e o que é singular as idéias positivas científicas, literárias ou poéticas, as idéias vagas abstratas, constituiram a sintese social. Parecia haver entre esses compromissos de um mesmo espírito um obstáculo invencível. Insuperável, criando de cada lado um mundo diferente do outro.

Se Martins Junior tivesse trazido para a política a ciência da sua poesia, teria compreendido de outro modo o processo da nossa história. O seu determinismo talvez explicasse por uma idéia central cada erro de fatos da história política do Brasil. O primeiro reinado, a explosão do espírito de nacionalidade; o segundo reinado seria o princípio da unidade nacional e o sentimento da liberdade espiritual; a república se definiria como o espírito particularista, provincial, manido pela organização militar. O vosso predecessor teria visto que, exceto no primeiro reinado, houve nos outros períodos uma transposição de valores extemporâneos, determinando a irrupção de sentimentos de instintos que falsificaram as idéias. A unidade nacional foi feita violentamente, a despeito da comédia exaurida do espírito provincial; a liberdade

de espiritual degenerou em desordem moral. O Império teve a sorte de destruir os principios conservadores da sua própria estabilidade. Na República o provincialismo revive, apoiando-se no espírito militar, cuja preponderância se apresenta como uma reação contra o sentimento burguês do Império... O vosso predecessor viu de outra forma esses fatos. E nos ouvimos as palavras piedosas com que nos descrevestes a deslusão em que se fundou aquela meiga natureza humana

Não sei se ainda é tempo de vos manteres restitutamente na arte e na filosofia. Tudo que haja uma grande convicção da vossa energia espiritual para a outra margem... Seria decidir pelo relativo contra o absoluto. Que valeram as guerras se combateu de nacionalidades, a partilha do mundo a vista do súrgido descoberto do "tradum"? Onde está a eternidade do império romano diante da doce fragilidade da Eneida? Que resto da Grécia, que não seja arte, ciência e filosofia? Essas é que são as forças vivas da Humanidade, porque são as necessidades capitais do espírito.

Mas se sentisteas consti-

a delíria e embriada fuga do círculo do gozamento para o da filosofia e da estética. A arte é a liberdade, e pelo seu livre e magnífico surto o homem se torna um companheiro das rotas... O sotão e o dia-vassita, múltiplo e eterno transformação; tudo passa, tudo se dissolve, tudo vive, e quem sabe? tudo recomendará outra vez a ingloriosa marcha de lorgados... São os brinios fantásticos das almas inconscientes. E toda a locura seja o sol, seja da Terra, seja da Lua, seja da multin, e a expressão do "fieri perpetuo", a contínua vibração do Universo a vertigem assombrosa das conglomerações instintísticas do Planeta... Então, diante desse príncipe e lúgubre renascer da consciência do filósofo, cresce a suprema indiferença, prato simples iconomias, a irrementeável resignação à fatalidade cósmica, ou a revolta, cruel e amarga das decepções. Agora é mais impossível voltar ao céu humilde e bondoso de onde partiu, há a infatigável subordinação ao império da filosofia e da estética abusiva que não permite mais reviver aquela alma passada, cheia de ternura, de piedade e de ilusão humana. Pensar, compreender... E' tudo? Mas por que mesmo no Nirvana, o amor é a compaixão?... E' o mistério profundo da nossa complexidade tenaciosa...

Souza Bandeira publicou um livro assim chamado, que inspirava os viajantes. Peregrinações são jornadas longas por terras de longe, mas são também romances aos leigos sagrados. As jornadas do meu amigo levam fim piedoso. Diante-nos ele que busca o ideal. Não que o haja levado a glória de Deus ou o serviço da Igreja, que é anti-clerical. Mas os oráculos e pedreiros-livres são todos maiores ou menos religiosos. Papistas não são nem reformados, mas tem sua fé leiga. E praticam-nos, que era a nova Cruz na Justiça e na Paz Universal.

Por isso, se vedes correr noutro ao meu amigo não é para ir folgar a Paris nem por mercê, nem mesmo, como faz certa gente desconfiada, simplesmente por viajar, por instinto de mudança, nem fazes nem programa, nem procuras nenhuma esplanada se não encontra nada. O meu amigo sabe a que vai. Um a um, percorrer os sacerdóciados da arte é da história. E bem me lembra que um dia me levou a descobrir uma igreja-pobre de Paris. Porque o Paris dele não é o da imensa maioria dos visitantes, rujadas analisa em páginas mordentes. Lembrando, as vezes, pela força da expressão e direção dos contrastes. Filho d'Almeida, mestre ironista.

Sem embargo dos motivos graves, como Souza Bandeira é homem de espírito, suas peregrinações tem o ar de um an-

vel passeio que nos leva de Paris a Shoubrun, e de Berlín a Trafalgar Square. Imaginaria de transcrever as páginas que diziam a sua impressão ante a Cida, do Leonardo, o Vinci, que o tempo vai desfigurando nos nossos olhos. O que o empolgou foi a expressão das mãos, pois os restos são já quase invisíveis.

As mãos falam ainda, e dão tudo, as mãos abatidas de prisa, as de S. João, piedosamente postas, as mãos convulsas de Jó, todas se erguem em supremo gesto simbólico que desaparecem sem remédio. Cumple viajar com o sr. Souza Bandeira.

(Contadas do Tempor)

Correspondência de Críticos

Carta de João Ribeiro a Souza Bandeira

(Continuação da pág. 271)
Vasconcelos, que não tenho e não será talvez difícil encontrar em Lisboa (na 2.ª edição; a primeira é muito cara).

Pedes-me notícias das que não saem no "Jornal do Comércio". Não as há ou estou quase certo o "Jornal", o que não admira nesse meu envelhecer, que é rápido.

Adeus.
Abraços.
O João Ribeiro.

PAGINA DOS AUTORES NOVOS - XI - Sergio Soares



SERGIO SOARES

OLHOS FRIOS

Vales no mundo,
Chaves de lagrimas,
Floras do mundo,
Chaves de espinhos,
Faces do mundo,
Chaves de dor,
Abusos no mundo,
Chaves de penas,
Sempre chorando,
Sempre generoso,
Sempre gritando,
O' se não lhessem
Mulher, teus olhos
Prós, tão bons
Para esquecer...

DESEJO

Volte o teu tumulo
Preguêno é branco,
Vouza um passaro
Em largos circulos,
Nunca batava:
Jemais o vi
Pousar no marmore
Pegado e frio
Que nos separa.
Como o teu tumulo
Tambem ateira
Humilde e brumos.
Mas certo dia
Globo e triste
Achei-o morto
Sobre o teu tumulo,
Um sangue rubro
Ainda quente,
Manchava a areia
E requemava
O frio mordendo
Que nos separa.
Ai! Se eu pudesse
Morrer assim...

MULHER-FLOR

Empantes e lirios,
O corpo é composto.
Suave Efênia,
Noturna presença,
Humilde Efênia
Jamais excedendo:
Amada hei
Queinda se dô
Em louca paixão,
Acaba morrendo
De tanto me amar...
— Tristeza, Efênia
Quando olho pra ti
E penso no dia
— Talvez amanhã...
Em que outra vira
Tomar seu lugar
Na jarda dourada.

(Revista de Brasil — Aracaju — 1943)

SPLEEN

A Maria da Saudade Cortesão.
Lagrima que peia face corre
Jenço amarfanhado
A visão se alonga
E nada encontra
Solidão crepusculo
(Os menores ruídos são simbólicos).
Nuvens baixas
Emprestam à tristeza
Uma dimensão exquisita.

CARROUSEL

No carroussel veloz
Quem berlo já não foi?
No carroussel da Feira
Contact Rosalina.
A noite deixa em torno
Não nos amedrontava
Nem o silêncio e a morte
Espreitando de longe.
No carroussel pintado
De amarelo e encarnado
Chico de bicos, gritos
Com misterio tocando
Pai audito cavaleiro
Plenamente friz.
Carroussel, carroussel
Da Feira de 28
Onde rodas agora?
Em areiasmovedizas?

LEMBRANÇA DO ARLEQUIM

O leque que mei em ti
Andarão tua sem danino,
Chorando tua sem consolo
No triste, ensombrado cais,
Tera se jogado no mar?
Que silêncio então fatal
(Apenas interrompido
pelo deço mar...
Primitivo, surpreendente...
Mas lápore, na noite, a noite
As lamas se avolumaram
E escondem o Arlequim,
Aqui fico preso!
Estou no fundo do leque?

1943.

NOTURNO 1942

Impensa quietude, visível silêncio!
Misterio das árvores adormecidas
e também do mar, onde viretas irpicam,
Misterio do céu nu, sem nuvens
e também dos olhos sem vida, viuvalos.
Repentinamente calados, distantes
Na contemplação de um espaço sem horizonte,
Misterio das mãos que avançam para as nuvens
E logo se crispam, desesperançadas.
Misterio das noivas, sonhando tão puras
Enquanto entulhiam, implacavelmente
As nuvens da morte, da dor e do odio.

Para Gustavo Luis

Mundo branco de pedras e silêncio!
Lentamente, na paz dos elementos
As pálpebras se fecham para o sono,
Aqui nem a memória permanece:
Da vida antiga, laços e tenores
Cessam de perturbar o fraco espírito.
Apenas, vago friozinho entre as nuvens
— Serão pombos ou anjos palpitando? —
Impede que o silêncio se eternize.

PARQUE DE DIVERSOES

Da roda eletrica veio de repente, um choque forte,
de criança com medo. Muitos ouviram e não levaram
importância. No carroussel outras crianças se divertiam
e o Palácio das Garulhadas, em brane, atraiu
a atenção de quase todos. Eu, entretanto, fiquei po-
rando olho para os lados do mar, e sigo daqui o choque
de angustia deve ter causado com sua liberdade
surpreendente, desenvolvendo-se em harmonia-se
condições até ir ferir a superfície líquida, a fria si-
perfície das águas, perfeitamente indiferente ante a
possibilidade de qualquer espinhosa tragédia.

Lembraça do Arlequim.

O arlequim que um dia no
Andando tão sua destino,
Chorando tão sua consola
No triste, ensombrado cais,
Tera se jogado no mar?
Que silêncio então fazia!
(Apenas interrompido
Pela voce marulhar,
Prometendo, amarindo...)
Mas depois, na madrugada
As lamas se avolumaram
E escondem o Arlequim.
Igual, pica pensando
Estarei no fundo do mar?

1943.

Sergio Soares,

"Paco-Simile" de seu autógrafo de Sergio Soares

A POESIA DE CANDIDO



CANDIDO MARIANO DE OLIVEIRA

PRIMEIRO A MÃE, DEPOIS A MULHER

Esquece que é formosa; case undendo
Ouro rabelo que semelha a mese,
Mas seu grande olhar, que cativado
Trás quem te acha e te contempla, esquece;

Como se enfulha a planta se aparece
O fruto, que se ostenta perfumado,
Olha o sorriso seu que responde,
Nas rosas faces de seu filho amado

Naquelas olhos os temos olhos sua;
Cede a mulher que amou na deslumbrada
Idade. A Mãe que entre o cuidado lisa.

Sobre esse berço te desfolha, rosa,
Chora sobre esse berço e, se é bonita,
Migas maternas te fazem formosa.

SONETO

Vemos, fui de mim, ó alvura Julietas,
Românticas visões das almas namoradas,
Eu tenho o coração cheio de charas pretas;
Hediondias, cruas, fundas e sangrenadas...

Deixei morrer a fô, a golpes de lancesas,
Apresento os sinais das fortes punhaladas;
Foram-se as ilusões todas angustiadas
Mas em fôr da alma, ó lindas Julietas.

Tudo ambra a morte dos seixas silêncios;
Presto o coração das criadoras de Ovidio
Ao vosso limpo amor, branco como os cristais.

Afogo, assim, talvez, os maiores tempestuosos...
— Bem haja a lentejú da meu cruel suicídio,
O' carmélia do amor, é resas virginais.

ADORMECIDA

Havia adormecido
Talvez morta de cansaço.
E eu beijava em seu rosto
As dobras de seu vestido.

Era o lar triste e baco;
Do vento o leve ruído,
Aparentando um vagido
Fazia chorar o espaço.

Nesta hora quanto trazela,
Onde minha adorada estrela,
Ali tão junta de mim;

Aa mãos nas batinhas unidas!
Contadas as nossas vidas
Canto os alás de um bandolim!

Nota sobre Cândido Mariano de Oliveira

Cândido Mariano de Oliveira, filho de José Mariano de Oliveira e de Ana Ribeiro de Mamede, nasceu em Saquarema, Estado do Rio, em 1857. Era irmão de Alberto de Oliveira. Fez seus estudos nessa capital, e foi professor e farmacêutico. Dirigiu farmácia em São Sebastião do Alto e em Niterói.

Durante vinte anos, exerceu o magistério público em diversas localidades fluminenses. Culminou em vários jornais de Saquarema e Petrópolis.

Em 1901 foi nomeado administrador dos Correios de Petrópolis.

Era casado com dona Evangelina Eugênia de Oliveira, falecida

antes dele. Deixou clara filha — Olília, Palmira, Elvira, Magno e Paulo — dos quais apenas estão vivos d. Olília, que é professora municipal nessa capital, e Paulo, que é comerciante.

Cândido Mariano de Oliveira faleceu em Petrópolis, em 1940.

EXPLICAÇÃO DESTA PÁGINA

Em abril de 1941, o diretor de Autêntica e Livros f.c., na Academia Brasileira de Letras, uma conferência acerca de uma família de poetas. Era um estudo acerca dos 11 irmãos de Alberto de Oliveira, todos eles poetas. Nessa conferência houve uma referência a Cândido Mariano de Oliveira — um dos 11 irmãos de Alberto — que o autor do estudo sabia também ter feito versos, mas de qual não conseguiu ler nem um traço.

Publicada a conferência, o senhor Julio Medeiros gentilmente enviou ao diretor de Autêntica e Livros uma carta referente a Cândido Mariano de Oliveira, e nessa carta incluiu uma pequena antologia dos trabalhos daquele irmão de Alberto de Oliveira.

Trazia essa carta a data de 22 de fevereiro de 1942. Guardámos-a, à espera de outros elementos de que necessitávamos para reconstituir a figura do poeta esquecido. Hoje, que obtivemos esses elementos se edita na cidade que lhe dá o nome — como sejam a sua biografia nome — berço querido de mim.

e o seu autógrafo — aqui damos a antologia de Cândido Mariano de Oliveira, carinhosamente recolhida pelo sr. Julio Medeiros.

Pedimos venha para incluir também a carta em que esse carinhoso amigo de memória do poeta fluminense nos envia os trabalhos que abriu não transcritos.

Eis a carta em questão:

"Rio, 22 de fevereiro de 1942.

Prezado Sr. Mário Leão:

Em recente estudo sobre a figura de Alberto de Oliveira, envio que com o título — "Uma família de poetas" — Ios V. S. referências a Cândido Mariano de Oliveira, dizendo que a própria família não possuía nenhuma original dos versos por ele escritos".

Tive o grande prazer explícito de conhecer pessoalmente esse belo caráter e formoso talento.

Ao fundar, com Olívia Telles, o jornal "A Sapucáia", que ainda se edita na cidade que lhe dá o nome — como sejam a sua biografia nome — berço querido de mim.

nha adolescência e de juventude infância — era Cândido Mariano de Oliveira, professor individual naquela localidade fluminense. Courtid-o, entendo, a colaborar no nosso pequeno jornal provincial e de vez em quando para o mesmo escrever poemas poéticos. De visita a sua irmã, também escreveu poemas para o mesmo.

Indo agora a Sapucáia, conto-me do estudo de V. S. — sólido copiar algumas das suas produções de inspiração fluminense, que foi a minha em pessoa.

Passando-as às mãos de V. S. para complemento do seu interessante estudo, fico com o objetivo de prestar homenagem à memória desse poético que foi um competente e dedicado educador.

Queria V. S. acatar muito cordialmente, a expressão de meu mais elevado agradecimento.

JULIO MEDEIROS

NO LAR DOS MORTOS

Mau grado o meu terror pelas sagradas coisas.
Outeiro, da sua tristeza ao baco lume eterno,
Desvela a vella Morte, ao legendário império,
A ferir as inscrições fantásticas das lousas,

E ao ver a vaga estreia donde in repousas,
Roubou — trémula mão no trémulo mistério,
Um quatro lirios bons das malas do cemitério,
E atirou-as ali com uma porção de rosas;

Crescia junto a pedra o malo que te come,
Cujas raizes maz enterraram-se com fome.
Em seu peito a beber-te o sanguine virginal.

Oh! meu negro suplício! A que lida ou acaso
Hoje entro que me estás, que serveis como um vaso
Ao lúbrico esplendor do luxo vegetal?

MORTA!

Meu Deus, ela morreu contando as sombras
Meu pobre nome e nosso amor suave;
Fia tombou nas lividuras alhambrais
Da noite fria e seu gêmero dumia ave,
Meu Deus, ela morreu contando as sombras,

Longo em seu lar, esbranquiçado e mudo,
Assentado nas matrizes da lâsia,
Dourava o sol seu rosto de veludo,
Dava-lhe alago a túnica garça,
Lenge em seu lar esbranquiçado e mudo,

Ela amava o silêncio e a cruz da ermidâ.
"Não temos as lâsias, não, ela dizia;
Doe-me no peto o pâncil da vida
Ama de noite a palida poesia";
Ela amava o silêncio e a cruz da ermidâ.

Como era triste o seu cantar aos ventos
Quando a sombra das frías garas!
Iam voando os pálidos lamentos,
De Deus nos pés e do soltar nas asas,
Como era triste o seu cantar aos ventos!

"E' frio, é tudo gelo aqui nos seios;
Sinto a morte que chega! Não me acuse,
Se eu não te enculo os fervidos anseios...
Do mundo aos fogos, do viver às luges
E' frio, é tudo gelo aqui nos seios!"

Meu Deus, ela nasceu no lar das cismas,
A luz das tochas dum final cortejo;
Nunca da vida os desmembrantes priamas
Deixaram-lhe entrever de um sonho um beijo...
Meu Deus, ela nasceu no lar das cismas,

Hoje cala em seu lar a voz do ermo...
E' tudo morto e os gênios errados
Contam-me ainda ao coração entremo
Seu nome puro e sob os céus sombrios
Hoje cala em seu lar a voz do ermo,

Na funda noite do eterno descanso
Que avoluma-se já, muda e sombria,
Irei, porém, revê-la no remanso
Onde ela dorme desolada e fria,
Na funda noite do eterno descanso,

CULTO

Andei com o olhar sua roda
Destra amplexo dourada,
Mirei-a toda, toda...
E nela não vi nada.

Nossa ando escondesse,
Como num velho mundo,
O teu amor profundo
Que lhe tanto me entoou.

Então no peito achi
Um santuário enorme
E ele aqui dentro dorme,
E ele repousa aqui!

E quando uma oração
Eu queria lhe elevar,
Desço-me ao coração,
Hello-o no seu altar!

MELODIA NOTURNIA

Enquanto a vaga desmaia,
No frio friso da praia;
E a tibia luz do luar;
Enquanto, contudo, as aguas,
O pescador corta as mágicas
Aos vastos planos do mar;
Minh'alma vai indolente
Sustendo a loura torreir.
Dous raios de tru olhar

Enquanto em vago iamento
Quedam-se as setas e o vento,
E as argéolas frescas;
A luz dos celestes cirios;
Enquanto sobre-me os lirios,
Como num sonho de amor;
Minh'alma ardeig de azelos,
Desmala nos truis cabelos
Como num calix de flor.

Enquanto o amor, a poesia
A sombra, o sonho, a barca,
Vem destes céus tão azuis;
Enquanto repousa tudo,
E no celeste veludo;
Enquanto a lua translus;
Minh'alma, inseto doceira;
Favoça doña no seu lado
Como no redor de uma lusi

PREFÁCIO DE "CINZAS DE INCENDIO" Dois pleitos na Academia Brasileira

Revolto, sólido, seu inquérito do "Lar do Brasil", em 1935, José Rodrigues Miguelas disse: "O homem, em sua natureza, é escorregadio, tal observação, é com dúvida, técnica de acuidade, e representa uma dramática e intensa confrontação com a vida que tem sido, até hoje, esse escritor português. Só querer analisar o que sua triste contumácia de amarreca, como sintese das pontas de vista de um escritor de espírito maduro e livre, era que poderíamos com a certeza que é de partida para uma profunda meditação crítica sobre José Rodrigues Miguelas, sobre a sua atividade de homem público, sobre a sua figura de homem de letras, sobre o seu talento criador, em suma. E isso porque com referência a José Rodrigues Miguelas, essa frase é puramente verdadeira:

É ele um escritor autêntico, que entristece o homem e o homem, que nela é um act extremamente político, ameaça seriamente matar.

Bem pouco conheço da vida das curvaturas de orientação pessoal, das tendências, das convicções e das predileções intelectuais, ou morais, desse escritor.

Isso não me impede de sentir, e de falar em tudo o que ele escreve, em tudo o que ele diz, em tudo o que ele diz — aquela inquietude, aquela dor, estou quase a dizer aquela desesperança, de um homem que se sente não realizado... O que ele quer, esse homem, é a alegria política. O que a vida

deixa e apenas o martírio passa. O Contemplação literária — Drama, afflito e tristíssimo, drama sem remedio!

José Rodrigues Miguelas nasceu em um dos últimos anos da II guerra, ou seja, mais foi em 1910. Miguelas mesmo quando, numa antiga amarga, nos diz o que tem sido a vida de um português, nesse período decorrido de 1900 até hoje, nesse período que corresponde exactamente à sua própria vida.

Numa síntese, esse período, algumas vezes um caminho, sempre de deceções. E os marcos de tal deceção são os mais diversos, são às vezes os mais tristes e o regicílio, é a propaganda republicana, é a queda de um trono venerando, tantas vezes secular, é o clarão incomparavelmente trágico da confissão de 1914, e a implantação dos regimes de violência e de crime em tantos povos que pareciam merecer o respeito dos homens e das nacionalidades, é o relâmpago fulvo da guerra sem igual que está destruindo continentes... De envolta com tudo isso, o espírito em formação de um jovem escritor português, recebendo deleterias influências intelectuais: a do pessimismo irônico de um Eça de Queiros e do sarcasmo de um Fialho de Almeida, a das alucinações trágico-burlescas de um Raul Brandão, a da demolição gigantesca de um Oliveira Martins, a da paranoíia de um Gomes Leal...

Companheiros de geração de José Rodrigues Miguelas, nos os homens de quarenta anos do Brasil, poderíamos dizer-lhe: "Se fosse só isso!" — Porque o drama da nossa geração é muito maior do que nos diz o sujeitancio português. E um drama patético e irremediável, que sangra no mais fundo de nós mesmos. Nossa geração formou seu espírito no culto das coisas estavas. Seus mestres lhe disseram que havia verdades definitivas na terra, verdades que nenhuma jamais poderia subverter. E entretanto logo depois, ria via claramente visto, que nada havia de seguro nem certo no mundo intelectual, no mundo moral, nem mesmo no mundo

material. Nossa geração assistiu a queda de todos os símbolos que mais adorava: o Direito, a Justiça, a Ordem, a Liberdade. Sua geração foi a geração do sacrifício. E se é preciso registrar as influências mentais dele, éas que agiram sobre ela, não fiquemos naquelas que nos indica José Rodrigues Miguelas e que só serão certas para os escritores portugueses. Com referência a nós outros brasileiros, essas influências foram muito outras, e acaso ainda mais perigosas. Que dizer do grande e sedutor veneno que certos mestres nacionais e estrangeiros, professores diplomados em esteticismo e em pessimismo, vertiram em nossa alma, desvirtuando? Que dizer do grande veneno que nela instiram Machado de Assis e Anatole France? Não foram eles, acaso, os modelos e os ídolos de todos nós? E entretanto não reconhecemos hoje que eles filtraram em nossa alma a poeira das cobardias sem remedio? Não reconhecemos que elas dois empeçonham a nossa triste adolescência, a nossa miserável e triste mocidade?

Ao se estrear na carreira literária, publicando "Páscoa Feliz", José Rodrigues Miguelas já era um grande revoltado. Lavraram-lhe na alma todas as deceções de sua geração desengonçada, lavraram-lhe no espírito todas as dores de sua insubmissão individual. Creio que foi esse aspecto — o de uma tão poderosa revolta — o que mais impressionou os críticos que trataram da obra dele. Dois desses críticos, procurando definir-lo, foram aos escritores russos. Um deles, Júlio Quintinha, no Diário da Noite, disse que ele fazia lembrar certa literatura cossista dos estavos. Um outro, Alfredo Marques, na "Gazeta de Coimbra", aproximava-o do formidável Korolevko.

Ainda não tive ocasião de ler "Páscoa Feliz", e não sei até que ponto essas aproximações, observadas entre Miguelas e os escritores russos, correspondem à realidade. Quanto a este volume de contos — "Cinzas de Incêndio" — só realizando um grande esforço de generalização em nossa apreciação crítica e que nela nos poderemos permitir tal aproximação.

Certo, estes contos de José Rodrigues Miguelas estão batidos de uma luz generosa de caridade humana, luz que é compreensão e que é solidariedade na dor. Aliás, sem essa qualidade — essencial a qualquer autor de ficção — não haverá a arte da composição do conto, como não haverá a arte da composição do drama, nem a arte da composição do romance. (O leitor me entende: eu me refiro ao verdadeiro conto, ao verdadeiro drama, ao verdadeiro romance...).

Mas essa qualidade — a da caridade pela nossa espécie, ainda que um pouco seca, desprovida de lirismo ou de sentimentalismo, como é a de Miguelas — será suficiente para que aproximemos o autor de "Cinzas de Incêndio", dos escritores russos, daqueles que Euclides da Cunha chamaria os grandes glorificadores do sofrimento humano? Bastaria o fato de acharmos tal qualidade no novellista português, para nos encontrarmos autorizados a tratar o parentesco dele com os autores estavos? Evidentemente, não. Uma tais virtude do escritor o aproxima dos autores russos tanto quanto dos autores de qualquer outra região do planeta — uma vez que nela palpita um coração de homem.

Os contos que leio nestas "Cinzas de Incêndio" poderão apresentar, na sua variedade de planos, de concepções e de imagens, note-se que não digo de ideias, porque o livro de Miguelas não encerra quase pa-

sagens; um intenso parentesco com outros contos, de não importa que literatura do mundo — com a condição única de que nesses outros contos achemos a mesma atmosfera de solidariedade humana, o mesmo sentido de compreensão e de dor universal. E, realmente, se fosse questão de encontrar parentesco, não seria possível descobrir no conto "Enigma" o ar de um contista inglês — (Wilde, por exemplo?) — com a sua proposta sofisticada, a sua malícia, a sua ironia, o seu "humour" tranquilo e grave? Não seria possível identificar o jeito de um contista francês — (Maupassant, por exemplo?) — em um conto como essa estranha "A Mancha não se apaga", ou no mesmo caso, inquietador, "Cinzas de Incêndio"? E até não seria possível descobrir um tal ou qual parentesco com um contista português — (Fialho, por exemplo?) — no autor de uma história tão tristemente humana, tão tragicamente simples, como é a "Morte de Homem"?

Sim: esses e talvez outros parentescos poderiam ser notados em José Rodrigues Miguelas. E

isso sem que ele provavelmente jamais tenha recebido nenhuma influência de nenhum desses autores citados. Isso unicamente por esta razão: por que José Rodrigues Miguelas é um escritor profundamente humano e em toda a parte em que existe outro escritor de igual sentido de humanidade, os dois poderão encontrar-se.

Tendo que publicar agora em volume as oito novelas que for-

am necessárias à obra, os resultados dos quatro anos foram os seguintes:

Primeiro escrutínio:

14 votos a Bastos Tito, 10 a Jorge de Lima, 8 a Raul Machado e 4 a Aloisio Schmidt.

Segundo escrutínio:

Jorge de Lima, 10 votos; Machado, 10; Bastos Tito, 8; Alonso Schmidt, 1.

Foi procedido a um terceiro escrutínio, no qual os resultados foram os seguintes:

14 votos a Jorge de Lima, 10 a Raul Machado, 8 a Aloisio Schmidt.

Estiveram presentes vinte e dois acadêmicos e mandaram votos 11 que estavam ausentes. Feriu-se, em primeiro lugar, o pleito para o preenchimento da vaga de Fernando Magalhães.

O resultado foi, em primeiro escrutínio, 18 votos para o Sr. A. Carneiro Leão; 14 para o Sr. Luiz Edmundo e um para o Sr. Silvio Julio.

Passou-se a segunda escrutínio sendo então eleito, por 21 votos, o Sr. Luiz Edmundo.

O Sr. Carneiro Leão passou a ter 14 votos; o Sr. Tasso da Silveira, que também era candidato, teve um voto.

Seguiu-se o pleito para a substituição de Pereira da Silva, tendo corrido os quatro escrutínios sem que nenhum candidato alcançasse os 19 votos que

eram necessários à eleição. Os resultados dos quatro anos foram os seguintes:

Primeiro escrutínio:

Jorge de Lima, 10 votos; Machado, 10; Bastos Tito, 8; Alonso Schmidt, 1.

Foi procedido a um segundo escrutínio, no qual os resultados foram os seguintes:

14 votos a Jorge de Lima, 10 a Raul Machado, 8 a Aloisio Schmidt.

Nesse terceiro pleito, estiveram presentes vinte e dois acadêmicos e mandaram votos 11 que estavam ausentes. Feriu-se, em primeiro lugar, o pleito para o preenchimento da vaga de Fernando Magalhães.

O resultado foi, em primeiro escrutínio, 18 votos para o Sr. A. Carneiro Leão; 14 para o Sr. Luiz Edmundo e um para o Sr. Silvio Julio.

Passou-se a segunda escrutínio sendo então eleito, por 21 votos, o Sr. Luiz Edmundo.

O Sr. Carneiro Leão passou a ter 14 votos; o Sr. Tasso da Silveira, que também era candidato, teve um voto.

Seguiu-se o pleito para a substituição de Pereira da Silva, tendo corrido os quatro escrutínios sem que nenhum candidato alcançasse os 19 votos que

eram necessários à eleição.

Meus votos são, unicamente, para que a escolha de José Ro-

MUCIO LIMA

GALERIA DE ARTE



N. II — Noémia — "Damarus"